

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT05.027

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E IMPACTOS DO NEOLIBERALISMO NOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: NARRATIVAS DE DISCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Daniely de Oliveira Lorenzon Pereira¹
Francielly Jacentink da Silva²
Ruth Sales Firme Moreira³
Jair Miranda de Paiva⁴

RESUMO

O neoliberalismo tem sido uma força dominante na política e economia global, influenciando esferas da vida social e privada, incluindo a educação. As discussões que sustentam a mudança na educação estão, cada vez mais, voltadas para uma necessidade mercadológica e a educação assume um lugar de transação econômica, que reduz o papel do aluno e do professor na relação educacional. Considerando essa mudança, o objetivo deste trabalho é investigar como as políticas e práticas neoliberais atravessam os modos de subjetivação de discentes do ensino médio de uma instituição pública localizada no norte do estado do Espírito Santo, bem como captar a percepção que possuem sobre competição e individualismo nas relações interpessoais, dinâmicas de poder e experiências educacionais. Utilizamos como

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB), Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), daniely.pereira@edu.ufes.br

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB), Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), francielly.j.silva@edu.ufes.br

3 Pedagogia no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ruth.moreira@edu.ufes.br

4 Doutor em Educação (UFES, 2009), Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB), Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), jair.paiva@ufes.br

método a pesquisa exploratória qualitativa, a partir da entrevista semiestruturada com discentes da escola selecionada. Para análise dos dados construídos junto dos/as participantes da pesquisa utilizamos a análise de conteúdo, com construção de categorias de sentido não apriorísticos. Como resultados, temos que os/as estudantes percebem em seus cotidianos escolares a presença pungente de aspectos do neoliberalismo, principalmente no que toca à competitividade com seus pares e consigo mesmos, contudo, veem na escola uma oportunidade de ascensão e de mudança de condições materiais.

Palavras-chaves: Neoliberalismo, Subjetivação, Suspensão, Novos Inícios.

1 INTRODUÇÃO

O neoliberalismo tem sido uma força dominante na política e economia global, influenciando esferas da vida social e privada, incluindo a educação. Freitas (2017) destaca que nesse sistema econômico e de governo o Estado é visto apenas como um bom investidor, porém como um mau gestor. Desse modo, abre-se espaço para que iniciativas privadas possam gerir assuntos públicos, como é o caso da educação que, nos últimos vinte anos, tem sofrido bastante interferência de grupos empresariais dos quais pode-se citar o Movimento Todos pela Educação (Cóstola; Borghi, 2022), tendo como exemplo, no país, a última reforma em vigor do ensino médio, qual seja, a mudança ocorrida a partir da aprovação da Lei nº 13.415/2017, mais conhecida como lei do Novo Ensino Médio (NEM).

Considerando que as juventudes, de seus lugares sociais, quase não são ouvidas (Abramovay, 2003) e, no que toca à referida reforma não houve o garantimento de participação do grupo que seria diretamente atingido nas tomadas de decisão, é objetivo deste trabalho apresentar como as políticas e práticas neoliberais atravessam os modos de subjetivação de discentes do ensino médio de uma escola pública localizada no norte do estado do Espírito Santo, bem como, captar a percepção que possuem sobre se e como a competição e individualismo se manifestam nas relações interpessoais, nas dinâmicas de poder e nas experiências educacionais.

Embora, enquanto educadores/as, ocupamos um lugar de sujeitos do “saber” pedagógico, logo imbuídos de poder em dizer pelo outro, esta investigação justifica-se, ao contrário disso, documentar falas/vozes de estudantes, estando ao lado deles/as, seguindo a esteira de Foucault, ao lado quem aprendemos da “[...] indignidade de falar pelos outros” (Foucault, 1989, p. 43).

Ainda junto do pensamento do filósofo francês que, ao estudar o neoliberalismo não somente como sistema econômico, mas como uma racionalidade, defende a tese de que sujeitos neoliberais funcionam como empresários de si mesmos (Foucault, 2008). Essas pessoas acreditam serem livres para gerirem seu capital humano do qual, possivelmente, decorrerão rendas, quando, efetivamente, estão a serviço do interesse da governamentalidade neoliberal, isto é, como o estado se relaciona, pensa e faz pensar a sociedade. Dito em outras palavras, o Estado conduz a conduta da população mediante uma lógica e mercado, em que os sujeitos pensam estarem fazendo escolhas autônomas, porém,

estão a serviço por quem o Estado está atuando: economia neoliberal (Foucault, 2019).

Diferentemente do liberalismo clássico em que havia esferas intocadas, no neoliberalismo não há nada que escape dessa lógica. Além de haver uma crescente participação de grupos empresariais nas tomadas de decisão e legislação sobre a educação, a maneira como seus sujeitos e a forma de gerir a escola também estão funcionando mercadologicamente. Sobre esse tema, Biesta (2021) afirma que a linguagem da educação vem cedendo, cada vez mais, espaço à linguagem da aprendizagem - ambos conceitos discutidos por ele em sua obra *Para Além da Aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*.

Tratemos, primeiro, desta segunda para, então, podermos dissertar e defender a linguagem da aprendizagem como resposta e posicionamento. Segundo o educador belga, a linguagem da aprendizagem baseia-se na relação necessidade-provisão. Os/as estudantes já chegam aos/às professores/as com suas necessidades preconcebidas, quando o movimento deveria ser o contrário: primeiro, adentra-se no processo educacional e, junto de profissionais educadores/as, vão se delineando necessidades, projetos para vida. Ao contrário disto, a linguagem da aprendizagem vê no aluno um consumidor de produtos que docentes e instituições de ensino podem prover. Safatle, Júnior e Dunker (2020) argumentam que o neoliberalismo não apenas molda as estruturas econômicas e sociais, mas também influencia profundamente a subjetividade e o bem-estar psicológico dos indivíduos. As discussões que sustentam a mudança na educação estão, cada vez mais, voltadas para uma necessidade mercadológica e a educação assume um lugar de transação econômica, que reduz o papel do aprendiz e do professor na relação educacional.

Em contrapartida a essa perspectiva de ensino, Biesta (2021), convida-nos a retomar, não num tom saudosista, mas como um possível caminho de uma educação para a democracia, um modelo profissional de educação, ou seja, uma linguagem baseada na confiança (sem fundamento), violência (transcendental) e responsabilidade (sem conhecimento) que compõem o que o autor chama de linguagem da educação. “Engajar-se em aprender sempre acarreta o risco de que a aprendizagem possa mudá-lo. Isso significa que a educação só começa quando o aprendiz está disposto a correr um risco” (Biesta, 2021, p. 45). Uma relação educacional tem como constituinte de sua linguagem uma confiança sem fundamento, pois, engajar-se nesse ato pressupõe correr risco e mudanças inesperadas, sendo, portanto, uma questão aberta.

Ao pensar o que é aprendizagem e, de maneira contrária a algumas correntes teóricas que a colocam como sendo a aquisição de algo externo e anterior ao indivíduo, se configurando como um resultado de um processo, Biesta convida-nos a pensar na aprendizagem como uma resposta ao que é “outro”, que nos incomoda, nos irrita. Essa resposta implica, por sua vez, que os/as discentes saibam em que posição estão no mundo. Desse modo, cabe à escola e profissionais da educação permitir que seus/as alunos/as venham ao mundo, isto é, “[...] entrar no tecido social e ser, portanto, inteiramente relacional [...] responder ao outro e assim ser também responsável pelo que é outro e por quem é outro [...]” (Biesta, 2021, p. 48). A solicitação dessa resposta envolve desafiar os/as jovens; por isso, a educação deve ser difícil. Essas questões que exigem dos/as estudantes uma resposta, e não qualquer resposta, os/as perturbam, acarretando numa violação que, inspirado na desconstrução do pensador francês Derrida, Biesta nomeia violência transcendental. Como educadores/as a gente sempre (inter) fere.

A reponsabilidade (sem conhecimento) se dirige de maneira mais direta aos/as educadores/as. Quando os/as estudantes chegam na escola, independentemente de classe social, orientação sexual, religião, gênero e afins, eles/as são responsabilidade nossa. Assim como é de suma importância que os/as jovens engajem primeiro na relação educacional para ir construindo e delineando necessidades a partir da interferência de profissionais da educação, cabe a estes/as se responsabilizarem pelas vidas que pisam o chão da escola, sem que antes saibam algo sobre os/as discentes. “Envolver-se em relações educacionais, ser um professor ou ser um educador, implica, portanto, a responsabilidade por alguma coisa (ou melhor, por alguém) que não conhecemos e não podemos conhecer” (Biesta, 2021, p. 51).

Fazendo assim, teremos a oportunidade de, em rede, inserir nossos/as jovens no mundo. Sobre esse papel da educação, nos amparamos nas contribuições da filósofa Hannah Arendt (2000) acerca da educação para pensarmos sobre no que deve consistir o ato de educar: inserir os jovens no mundo. De acordo com o pensamento da filósofa, mundo não se refere apenas à localização geográfica que ocupamos, mas às instituições que construímos ao longo de nossa caminhada enquanto humanidade (César; Duarte, 2010). Essa inserção, portanto, é a ponte que é feita entre o domínio privado do lar e o público, possibilitando novos inícios, pela palavra compartilhada entre pessoas e pela ação, esta que, no pensamento de Arendt é feita na presença de um outro, um

movimento na/da existência, um ato de deixar impressões na vida pelo desejo individual manifesto no coletivo (Arendt, 2007). A ação, portanto, é uma esfera da vida que nos diferencia enquanto humanidade e nos possibilita novos inícios (Biesta, 2021).

Nesse sentido, as instituições de ensino podem atuar de maneira a, pelo encontro dos recém-chegados com gerações anteriores, a criação de coisas novas, sem perder de vista os diferentes caminhos que os antecedem. Entendemos que a escola pode, ao suspender os sujeitos de ordens naturalizadas na sociedade, como a subjugação de gêneros, raças, classes, colocar todos/as num tempo comum, quando cada um/a é convidado a se colocar entre parêntesis e se concentrar em algo comum (Masschelein; Simons, 2014). Logo, o que há são ações compartilhadas pelo agir concretamente no mundo e pelo discurso.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública situada no norte do estado do Espírito Santo, utilizando como método a entrevista semiestruturada, aplicada a estudantes do ensino médio. As perguntas focaram na percepção dos discentes sobre competitividade, individualismo, poder e suas experiências dentro do ambiente educacional, em um contexto de influência neoliberal. A análise dos dados foi conduzida através de uma metodologia qualitativa de análise de conteúdo, sem categorias pré-estabelecidas, permitindo que as falas dos participantes orientassem as conclusões. De forma preliminar, as entrevistas revelaram a percepção dos estudantes sobre a presença de valores neoliberais em suas práticas escolares, mas também destacaram a escola como um espaço ambíguo que, apesar dessas influências, ainda é visto como uma oportunidade de transformação social. Essas observações fornecem a base para as próximas seções, onde serão explorados com maior profundidade os impactos do neoliberalismo na subjetivação e nas práticas educacionais dos discentes.

2 METODOLOGIA

Como substrato investigativo, consideramos o caráter constitutivo da pesquisa exploratória e qualitativa das considerações das subjetividades e singularidades dos sujeitos, utilizando entrevista semiestruturada com quatro discentes do ensino médio da escola selecionada; os nomes utilizados para diferenciar cada participante são ficcionais e foram escolhidos de maneira aleatória. A abordagem exploratória e qualitativa justifica-se uma vez que partimos de um contexto mais amplo, qual seja, impactos do neoliberalismo na educa-

ção e partimos em direção a investigar como as práticas e políticas neoliberais influenciam os modos de subjetivação de estudantes do ensino médio em uma escola pública no norte do Espírito Santo. Desse modo, buscamos compreender experiências subjetivas dos alunos e como elas são moldadas por um contexto que prioriza o aperfeiçoamento constante, considera o sujeito e este considera a si como empresário de si mesmo, sem perder de vista, entretanto, um dos aspectos centrais da escola, que lhe diferencia em espaço-tempo e língua.

A seleção dos/as participantes deu-se pelos seguintes motivos: i) identificar-se como estudante do ensino médio; ii) estudante de escola pública do norte do Espírito Santo; e iii) ter interesse em contar suas histórias de vida no período escolar.

Tais participantes foram convidados/as por meio de convite enviado para a coordenação pedagógica da escola, que divulgou para os/as alunas e quatro de candidataram a participar, sendo no ato do convite encaminhado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) aos mesmos para ciência e assinatura. Após a devolutiva dos TCLEs assinados, foram agendadas as entrevistas. As entrevistas foram realizadas no mês de julho de 2024, de forma presencial e áudio-gravadas. As entrevistas foram guiadas por um roteiro semiestruturado, em que há a possibilidade de inclusão de questões complementares ao longo da entrevista, sendo dispostos por oito perguntas para movimentar o processo narrativo, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1. Roteiro semiestruturado

Grupo	Descrição das Perguntas
Apresentação	1-Consideramos que todas as entrevistas se iniciam com uma apresentação d(a)o entrevistad(a)o. Neste cenário poderia me dizer aspectos que toquem o como você se apresenta/identifica? (Pode citar características e aspectos identitários que te representam?)
	2-Você gostaria escolher um nome ficcional que será usado na nossa pesquisa? (O que levou você a escolher esse nome?)
Políticas e Práticas Neoliberais na Educação	3- Conte-me como é a sua experiência na escola até agora...
	4- Você acredita que a escola contribui ou promove políticas ou ações de competição entre os(as) alunos(as)? Você poderia contar uma ou duas histórias? (Se existe a percepção de competição na escola, como você se sente em relação a essas políticas? Que impactos você percebe que ela causa em sua relação com o seu estudo e com os seus colegas?)

Grupo	Descrição das Perguntas
Modos de Subjetivação	5- Você sente que a escola incentiva você a agir cooperativamente (de forma coletiva)? De que forma isso ocorre?
	6- Você sente alguma pressão/ competição com seus colegas? De onde vem?(professores, colegas, pais, autoexigência)? (Se existe pressão, como você lida com essa pressão?)
	7- Se pudesse mudar alguma coisa no sistema educacional atual no sentido de mais colaborativa, o que mudaria para melhorar a experiência dos estudantes?
Finalização	8- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi abordada nas perguntas anteriores?

Fonte. Das Autoras

As entrevistas foram audiogravadas, sendo posteriormente transcritas com suporte do software Transkriptor®. No que toca à análise dos dados construídos ao lado dos/as alunos/as participantes da pesquisa, utilizamos a análise de conteúdo com a construção de categorias de sentidos não apriorísticos, organizados segundo temas e sujeitos, colocando em ênfase que os/as participantes falaram de si e por si mesmos (Franco, 2008).

A transcrição das entrevistas foram organizadas, os conteúdos analisados constituíram em duas categorias, a saber: i) governamentalidade neoliberal e sua influência sobre a construção do conhecimento, ii) novos inícios, dinâmicas de poder e controle nas relações educacionais. Para construção desses grupos de sentidos, houve comparação entre os dados e literatura pertinente, dos quais tivemos em Hannah Arendt (2000), Foucault (2008), Masschelein e Simons (2014) e Biesta (2021) as principais contribuições teóricas que nos ajudou a pensar o papel da escola inserida no contexto neoliberal e o que a diferencia das demais instituições, isto é, o que pode o tempo *skholé* e a escola para seus sujeitos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa quatro estudantes de uma escola pública localizada no norte do Espírito Santo, cujas experiências ilustram a influência das práticas neoliberais no ambiente escolar. Suelly, de 18 anos, descreveu sua trajetória marcada pela transição desafiadora da educação online durante a pandemia para o ensino presencial na escola pública, enfrentando dificuldades de adaptação e percebendo uma competição implícita entre colegas, especialmente em relação às notas. No entanto, ela destacou que a escola promove

ações que incentivam a cooperação entre os alunos. Fernando, também de 19 anos, oriundo de um bairro periférico de São Mateus, percebeu a competição como algo motivador para si mesmo, mas reconheceu que, para outros colegas, esse aspecto poderia ser desmotivador. Ele valorizou o ambiente colaborativo da escola atual, que incentiva o trabalho em equipe e a ajuda mútua, favorecendo a construção de relações de apoio.

Hanna, de 18 anos, que possui diagnóstico de TDAH, relatou que as dificuldades educacionais foram influenciadas tanto por fatores familiares quanto pelo transtorno. Para ela, a escola funcionou como um espaço de acolhimento e refúgio dos problemas pessoais, embora reconheça que a competição possa ser desgastante e prejudicial à saúde mental, algo que ela tenta evitar. Por fim, Gabriel, de 17 anos, descreveu sua transição de uma escola particular para a escola pública, notando uma mudança significativa de um ambiente altamente competitivo para uma abordagem mais colaborativa, onde os professores incentivam o trabalho em grupo. Gabriel procurou focar em seu desempenho individual, evitando comparações e mantendo uma postura centrada no próprio aprendizado, destacando a importância de um ambiente educacional que favoreça a cooperação. Esses relatos evidenciam como os alunos percebem e vivenciam as pressões neoliberais no contexto educacional, equilibrando competitividade e solidariedade.

A partir das análises, foi possível identificar as operações de dois eixos discursivos: 1) **Governamentalidade neoliberal**, em que são apresentadas as formas como a lógica de mercado influencia a construção do conhecimento e o comportamento dos estudantes. Isso inclui práticas educacionais que priorizam a competição, o desempenho individual e a eficiência, moldando subjetividades voltadas para a autogestão e para a lógica do “empreendedor de si mesmo”. Nesse contexto, os estudantes são incentivados a ver o conhecimento como uma mercadoria, algo a ser adquirido para se obter vantagens competitivas, resultando em uma redução da educação ao nível de transação econômica. 2) **Novos inícios**, sendo discutidas as possibilidades de resistência e transformação, inspiradas pelo conceito de natalidade de Hannah Arendt, que sugere a capacidade de iniciar algo novo, mesmo em um contexto de dominação. Nesse eixo, a escola é entendida como um espaço de “skholé”, onde o tempo dedicado ao estudo e à reflexão não é orientado apenas para a produtividade, mas para o desenvolvimento do pensamento crítico e da ação coletiva. Essa perspectiva permite vislumbrar a escola como um ambiente capaz de suspender as lógicas

mercadológicas, abrindo espaço para a criação de novas formas de convivência, relações de poder menos hierárquicas e práticas educativas que valorizam a pluralidade e o encontro com o outro. Aqui, o foco está em como as relações educacionais podem promover não apenas a transmissão de conhecimentos, mas a criação de um espaço comum, onde novas formas de ação e pensamento possam emergir, desafiando as dinâmicas de controle e oferecendo possibilidades de renovação e emancipação para os sujeitos educados.

3.1 GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL

Em contraponto às práticas neoliberais, utilizaremos como referencial teórico os trabalhos de Arendt (2000), Foucault (2008), e Masschelein e Simons (2014). Esses autores defendem que uma das responsabilidades fundamentais da educação é proporcionar oportunidades para que os indivíduos venham ao mundo. Para alcançar esse objetivo, é essencial que educadores e instituições de ensino se interessem genuinamente pelos pensamentos e sentimentos dos estudantes, permitindo que eles respondam de maneiras únicas e autênticas.

No que toca à governamentalidade neoliberal, ou seja, como o poder pensa e faz pensar-fazer, constituindo um *ethos* que está diretamente ligado à relação do sujeito consigo mesmo, a investigação aponta que os/as estudantes entrevistados demonstram se sentirem desconfortáveis quanto à aquisição de notas e desempenho, numa constante comparação com seus/as colegas, conforme apresentado na fala de Suelly:

“Eu vou falar o que eu percebo em mim e nos meus colegas. Dá bastante ansiedade, assim, você sempre faz o máximo para tentar ser melhor que outra pessoa. Não necessariamente melhor pra mim, melhorar porque eu tenho que me superar, mas sim porque eu tenho que ser melhor do que fulano. Então eu acho que dá bastante ansiedade e desconforto.”

Conforme Foucault (2008), o sujeito imbuído na lógica de mercado pensa ser um empresário de si mesmo (característica da governamentalidade neoliberal), estando sob sua responsabilidade a administração de seu capital do qual, supostamente, decorrerão rendas. A relação dos/as estudantes com seu desempenho pode ser pensada sob esse prisma, uma vez que eles/as trazem a responsabilidade para si mesmos/as quando se frustram, como indicado nas falas de Suelly: *“no meu caso, eu acho que é uma questão mais de autocobrança*

mesmo.” e Fernando: *“Pelo menos comigo a pressão é... eu me auto-cobrando, óbvio que tem outras outros fatores que influenciam essa cobrança, mas acredito que pra mim é eu me cobrando mesmo essa é a maior pressão [...] A nossa preocupação é com o Enem. Então, talvez a pressão não seja voltada para a escola em si, mas sim pro Enem [...]”*

Nestas falas, identificamos como a lógica neoliberal tem uma influência perceptível na vida estudantil, principalmente nos aspectos relacionados à finalização do ensino médio, ligados à pressão que as/os estudantes sentem sobre o resultado do seu desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Safatle, Júnior e Dunker (2020) destacam que o neoliberalismo promove a ideia de que o sucesso acadêmico e profissional depende unicamente do esforço individual e da capacidade de competir. Trazendo para o contexto do ENEM, isso se traduz em uma intensa pressão para obter altas pontuações, pois o exame é visto como uma competição onde apenas os que irão melhor na prova terão acesso às universidades e, conseqüentemente, às melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Biesta (2021) destaca que a linguagem da educação vem perdendo espaço nas últimas décadas, porque as discussões em torno das mudanças estão cada vez mais ligadas a uma lógica mercadológica. Com isso, existe a necessidade de reinventar uma linguagem para a educação que responda ao que estamos vivendo hoje, mais ligada à realidade e que responda aos desafios teóricos e práticos vivenciados na educação. Esta é para além da aquisição de conhecimento e habilidades, envolve uma relação ética e política entre educador e educando.

3.2 NOVOS INÍCIOS

Para compreensão do conceito de novos inícios, utilizaremos como referência os autores Gert Biesta e Hannah Arendt. Ambos os autores indicam perspectivas distintas, mas complementares, sobre como a educação pode renovar e transformar os indivíduos, principalmente na educação básica em que os jovens estão em pleno desenvolvimento. Fugindo da lógica de mercado como descrita acima.

Biesta argumenta que a educação não deve ser vista apenas como um meio de transmissão de conhecimento, mas como uma prática que possibilita a criação de algo novo. Ele sugere que a educação deve focar na formação de indivíduos que possam se relacionar de forma responsável com o mundo ao seu

redor, cultivando espaços onde a pluralidade e a diferença sejam valorizadas (Biesta, 2015).

A “vinda ao mundo” e a “ação com outros” como elementos fundamentais da educação são apresentados por Biesta (2021) a educação deve visar a formação de sujeitos capazes de agir de maneira significativa no mundo. Segundo o autor, a educação é uma prática que envolve riscos e incertezas, pois está ligada ao potencial de novos inícios e à capacidade dos indivíduos de se mobilizar em ações imprevisíveis e criativas (Biesta, 2015).

Desde sua gênese, a escola vem sofrendo fortes críticas por parte de seus “reformadores”. Uma das coisas que faz a escola ser escola é colocar todos/as sujeitos que ocupam seu espaço-forma num tempo comum. A isso, Masschelein e Simons (2014) chamam suspensão, quando o grupo presente numa sala de aula ou evento estudantil, por exemplo, toma unidade e são reunidos, postos entre parênteses, para viver um tempo de aprendizagem, descobertas, tendo acesso ao que pode estar sob domínio de poucos/as, ou seja, profanando saberes. A fala de Hanna representa esse aspecto:

“Mas assim, a minha convivência na escola foi, pra mim, uma das coisas mais maravilhosas, porque a gente sempre teve a briga dos meus pais, então eu sempre gostava de ir pra escola porque eu sempre fugia disso. E pra mim era... o melhor lugar pra estar.”

Suelyly, também, traz em sua fala algo nesse sentido:

“[...] a escola tem programas que os alunos, tipo, fora da escola, por exemplo, a minha turma, a gente já viajou, a gente fez um acampamento uma vez, eu acredito que isso estimule a cooperação entre os alunos.”

Hannah Arendt também aborda a educação como um espaço importante para a renovação e a criação de novos inícios. Ela argumenta que a educação é onde decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumir a responsabilidade por ele e, ao mesmo tempo, permitir que os jovens façam algo novo e imprevisível, conforme podemos ver na citação a seguir:

O que nos diz respeito, e que não podemos, portanto, delegar à ciência específica da pedagogia, é a relação entre adultos e crianças em geral, ou, para colocá-lo em termos ainda mais gerais e exatos, nossa atitude face ao fato da natalidade: o fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento. A educação é o ponto

em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não as expulsar de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (Arendt, 2016, p.146).

A autora vê a educação como um ato de amor pelo mundo e pelas novas gerações, um ato que protege o mundo da ruína através da vinda do novo e dos jovens que proporcionam novos começos (Arendt, 2016). Ela destaca que a educação deve proteger os jovens de serem lançados prematuramente no mundo adulto, ao mesmo tempo que lhes dá a liberdade e a responsabilidade de criar algo novo. A ideia de “novos inícios” em Arendt está intrinsecamente ligada ao conceito de natalidade, à capacidade humana de começar algo novo, de iniciar ações que podem transformar o mundo.

Arendt também aponta que a responsabilidade envolve um equilíbrio entre compromisso e abertura, onde o educador deve apoiar a emergência de novos inícios sem tentar controlar ou prever completamente o que irá acontecer. Essa perspectiva educacional desafia a noção de que a educação pode ser completamente planejada e controlada, mostrando a importância de termos a abertura para a novidade e a imprevisibilidade, reconhecendo que a verdadeira ação educativa ocorre em interação com outros e no contexto de um mundo plural e dinâmico (Arendt, 2016).

De acordo com Arendt (2000), a essência da educação é a natalidade, ou seja, não só o nascer biológico, mas o fato de que pessoas vêm ao mundo e podem empreender algo novo nele. Para isso, os/as adultos/as devem responsabilizar-se frente aos/às mais novos/as. À educação, portanto, cabe a tarefa de inserir os/as jovens no mundo, fazendo uma ponte entre o privado (família) e público, possibilitando que eles/as criem novos inícios, conforme elucidado nas falas das/os estudantes, Fernando “Então, eu sempre fui incentivado a estudar, então eu vejo a escola como... um modo de eu mudar de vida, comparado àquilo que a minha família vive atualmente.” e Gabriel, ao comparar a sua experiência na escola atual com a da escola anterior, reflete: “[...] parece que dá mais liberdade

pro aluno fazer... Em tudo, tanto na sua vivência, no dia a dia, tanto quando você vai por questões escolares, de trabalho, de prova, em tudo.”

Biesta (2021) indica que embora as instituições de ensino sejam importantes, não é apenas sua existência que garante o espaço de liberdade, mas sim o compromisso constante em agir para que a liberdade possa aparecer. Ele destaca também que na educação, assim como na política, é essencial manter um espaço onde a liberdade e novos inícios possam surgir, destacando que a educação deve promover a pluralidade e a interação, pois é através do nosso envolvimento com o aprendizado e com os outros que nos tornamos alguém.

O neoliberalismo, ao moldar a educação com base em uma lógica mercadológica, nessa lógica, a educação se torna uma transação econômica, priorizando a formação de indivíduos que se adaptem às exigências do mercado, em vez de estimular a pluralidade e a criação de novos inícios. Biesta (2021) reflete sobre a educação como um espaço de diálogo, pluralidade e responsabilidade, a educação não deve ser reduzida a um processo de transmissão de competências mercadológicas, mas sim ser um lugar onde os estudantes possam se desenvolver como sujeitos autônomos, capazes de questionar, inovar e agir de forma significativa no mundo. Sua crítica à mercantilização da educação reflete as preocupações da pesquisa, que investiga como o neoliberalismo impacta negativamente as experiências e subjetividades dos discentes em escolas públicas.

Nesse contexto, os “novos inícios”, conforme abordados por Biesta e Arendt, contrapõem-se à subjetivação neoliberal, propondo uma educação que valorize a singularidade e o potencial de cada estudante. Ao invés de formar indivíduos voltados exclusivamente para a competição e adaptação a um mercado de trabalho precarizado, a educação deve ser um espaço onde se cultiva a capacidade de ação crítica e a renovação social.

Os dados coletados a partir das entrevistas evidenciam que a lógica neoliberal está presente no cotidiano escolar, especialmente através da pressão para obtenção de altos resultados acadêmicos e do incentivo à competitividade entre os estudantes. A fala de Suelly, que expressa ansiedade ao tentar ser melhor que os colegas, reflete a internalização de uma lógica de mercado onde o sucesso pessoal é medido pela superação dos pares. Esse comportamento é coerente com a análise de Foucault (2008) sobre a governamentalidade neoliberal, onde os sujeitos são instigados a se comportarem como “empresários de si mesmos”, sendo responsáveis pela gestão de seus próprios desempenhos e resultados.

A pressão relacionada ao ENEM, apontada por Fernando, ilustra como essa lógica de autoaperfeiçoamento constante se concretiza no contexto educacional brasileiro, reafirmando a ideia de que a educação se tornou uma transação econômica voltada para a obtenção de capital humano. Esse cenário confirma a crítica de Biesta (2021) sobre a predominância da linguagem da aprendizagem, onde o foco se desloca do desenvolvimento integral dos estudantes para a mera aquisição de competências exigidas pelo mercado.

Em contrapartida, a literatura também aponta que, apesar dessas influências mercadológicas, a escola ainda pode ser um espaço de resistência e transformação. Os relatos de Hanna e Gabriel sugerem que, mesmo em um contexto de competição, a escola também oferece oportunidades para cooperação, acolhimento e a possibilidade de construir novas formas de convivência. Essa perspectiva está alinhada com o conceito de “novos inícios” de Hannah Arendt (2000), que destaca a capacidade de iniciar algo novo, mesmo dentro de um sistema que tende a reproduzir estruturas de dominação. A ideia de Arendt sobre a educação como um espaço para cultivar novos começos e promover a natalidade é reforçada pelos exemplos positivos de atividades colaborativas relatadas pelos participantes. Gabriel, ao comparar sua experiência na escola pública com a anterior, destaca uma maior liberdade e incentivo à cooperação, o que reflete a defesa de Biesta (2015) de que a educação deve proporcionar um espaço de pluralidade, interação e responsabilidade. Dessa forma, o estudo confirma que, embora as políticas neoliberais moldem a educação de maneira significativa, ainda há espaço para práticas que desafiem essa lógica, valorizando o desenvolvimento humano e social dos estudantes.

Além das categorias previamente estabelecidas, as entrevistas revelaram unidades de registro que apontam para elementos menos óbvios, mas igualmente significativos, sobre a vivência escolar dos estudantes. Por exemplo, Gabriel menciona a importância da liberdade para a formação de uma identidade autônoma, um aspecto que transcende a competição acadêmica e que remete à ideia de pluralidade defendida por Hannah Arendt (2000). Ele relata como o ambiente escolar permitiu uma liberdade que ultrapassa o simples desempenho acadêmico, permitindo a experimentação e o crescimento pessoal. Essa liberdade encontra eco no conceito de “suspensão” de Masschelein e Simons (2014), onde o tempo escolar se torna um espaço fora da lógica utilitarista do mercado, permitindo uma pausa que promove descobertas e reflexões significativas para além das exigências imediatas de notas e resultados. Outro

elemento emergente é a dimensão emocional do espaço escolar, apontada por Hanna ao descrever a escola como um refúgio dos conflitos familiares, o que ressalta a importância da escola como um espaço de segurança afetiva. Esse aspecto dialoga com a visão de Biesta (2021), que argumenta que a educação deve engajar o estudante de maneira integral, considerando tanto o seu desenvolvimento cognitivo quanto afetivo. Ao reconhecer a escola como um espaço que abriga complexas dimensões emocionais e sociais, é possível desafiar a redução da educação a um simples processo de transmissão de conhecimentos técnicos, sublinhando a necessidade de uma prática educativa que leve em conta a totalidade da experiência humana.

As reflexões suscitadas pelos dados da pesquisa levantam questionamentos importantes sobre os rumos da educação em um contexto dominado por políticas neoliberais. Uma das questões centrais diz respeito à formação de subjetividades que estão cada vez mais voltadas para o desempenho individual e a competitividade. Como Foucault (2008) aponta, a governamentalidade neoliberal conduz os sujeitos a internalizarem uma lógica de mercado, em que o sucesso é uma responsabilidade pessoal, e o fracasso, uma falha individual. Essa perspectiva, observada nas falas dos estudantes, nos leva a perguntar: *A que custo emocional e psicológico essa ênfase na performance individual está sendo imposta? E mais, quais são as consequências para a formação de um senso de comunidade e de solidariedade entre os jovens?* A experiência de Suelly, que descreve a ansiedade gerada pela comparação constante com os colegas, sugere que essa lógica pode minar as possibilidades de cooperação e de construção de laços interpessoais significativos, o que está em contraste com a visão de Biesta (2021), que defende uma educação baseada em relações éticas e políticas.

Outro questionamento relevante se refere à função da escola como espaço de liberdade e renovação social, conforme discutido por Arendt (2000). Em um cenário onde a educação é cada vez mais direcionada por objetivos mercadológicos, *ainda é possível preservar o espaço escolar como um ambiente que valoriza a pluralidade e a criação de novos inícios?* A liberdade mencionada por Gabriel e o refúgio emocional descrito por Hanna apontam para a escola como um espaço potencial de resistência às pressões neoliberais, mas *até que ponto essas experiências podem florescer em um sistema que prioriza o resultado sobre o processo?* A suspensão do tempo, conceito explorado por Masschelein e Simons (2014), parece ser cada vez mais difícil de alcançar quando o ensino está voltado para metas padronizadas, como o desempenho no ENEM, mencionado

por Fernando. Isso coloca em questão a própria essência da educação: *ela deve preparar os estudantes para um mercado competitivo ou para um engajamento crítico com o mundo? E, nesse contexto, como as escolas podem criar espaços que incentivem a reflexão, a ação coletiva e o desenvolvimento de uma subjetividade que não esteja completamente submetida à lógica do mercado?* Esses questionamentos ressaltam a necessidade de repensar as práticas educacionais, buscando um equilíbrio que contemple tanto as demandas sociais quanto o desenvolvimento integral dos sujeitos.

A conclusão deste estudo revela como as políticas e práticas neoliberais influenciam a subjetividade e o bem-estar psicológico dos estudantes do ensino médio, enfatizando uma lógica de mercado que promove a competição e o individualismo. Os dados mostram que os estudantes sentem uma pressão constante para se superarem e obterem melhores resultados, muitas vezes em detrimento de sua saúde mental. Este ambiente competitivo, centrado no desempenho acadêmico, distancia-se dos princípios educacionais mais humanos, plurais e éticos, destacando a necessidade de repensarmos nossas práticas educacionais, incluindo nelas ações que valorizem a cooperação, o desenvolvimento integral dos estudantes, possibilitando novos inícios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar a influência das políticas e práticas neoliberais nos modos de subjetivação de estudantes do ensino médio de uma escola pública localizada no norte do Espírito Santo. Através da análise qualitativa, foi possível identificar que a lógica de mercado e as dinâmicas de competição, individualismo e produtividade exercem forte impacto na experiência educacional dos alunos. Essa influência afeta diretamente suas percepções sobre si mesmos, suas relações interpessoais e suas expectativas em relação ao futuro, especialmente no que tange à pressão por desempenho e sucesso no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A lógica neoliberal molda a subjetividade dos discentes ao incentivá-los a agirem como “empresários de si mesmos”, o que, frequentemente, resulta em ansiedade, autocobrança e desconforto, conforme revelado nas falas dos participantes. Essa mercantilização da educação reduz o espaço para a construção de uma comunidade escolar solidária, onde a educação poderia ser mais humanizadora, inclusiva e democrática.

A análise demonstrou que, embora os alunos reconheçam o valor das interações sociais e da convivência na escola, a pressão por resultados e a competição constante interferem negativamente no desenvolvimento de um senso de pertencimento e bem-estar. Tais resultados reforçam a necessidade de repensar a educação sob uma perspectiva que valorize a pluralidade, o respeito às diferenças e a construção de um ambiente educacional que priorize o desenvolvimento humano e democrático.

A perspectiva de “novos inícios”, conforme proposta por Biesta e Arendt, oferece uma alternativa promissora para repensar o papel da educação no contexto atual. A educação, nesse sentido, deve ser entendida como um espaço de renovação, onde os jovens possam experimentar a pluralidade, o diálogo e a ação criativa, rompendo com as amarras da lógica neoliberal e abrindo caminho para uma formação mais democrática e inclusiva. É fundamental repensar as políticas educacionais vigentes, buscando formas de resistir às imposições do neoliberalismo e criar ambientes escolares que promovam não apenas o desempenho acadêmico, mas também o desenvolvimento humano em sua totalidade, valorizando a subjetividade, a criatividade e a capacidade dos estudantes de gerar novos inícios.

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o debate sobre as políticas educacionais vigentes, incentivando a formulação de práticas pedagógicas que valorizem a subjetividade dos estudantes, promovam o bem-estar e resistam às imposições neoliberais que mercantilizam a educação. O desafio é fomentar uma educação que não apenas prepare os alunos para o mercado de trabalho, mas que também os capacite para serem cidadãos críticos e responsáveis, capazes de agir no mundo de maneira ética e consciente.

Por fim, espera-se que este estudo incentive futuras investigações que abordem de maneira mais aprofundada as consequências do neoliberalismo sobre a subjetividade de jovens em contextos educacionais, contribuindo para a criação de novas práticas pedagógicas que deem espaço para “novos inícios” e um processo educativo mais justo e inclusivo.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M., CASTRO, M. G. (Coord). **Ensino Médio**: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO/MEC, 2003.

ARENDDT, Hannah. **A crise na educação**. In: Entre o passado e o futuro. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

_____. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BIESTA, Gert. **El bello riesgo de educar**: cada acto educativo es singular y abierto a lo imprevisto. Prólogo de Félix García Moriyón. Madrid: SM, 2015.

_____. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Coleção Educação: Experiência e Sentido. Tradução: Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CÉSAR, Maria; DUARTE, Rosana. **Educação e mundo**: reflexões a partir de Hannah Arendt. São Paulo: Editora X, 2010.

CÓSTOLA, Andressa; BORGHI, Raquel Fontes. A Atuação de Atores Privados do Movimento Todos pela Base na Rede Estadual do Espírito Santo: mapeamento e caracterização. FINEDUCA – **Revista de Financiamento da Educação**, v. 12, n. 5, 2022. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/fineduca/article/view/108386/84377>>. Acesso em: 22 de mai. de 2024.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. 1a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrj.br/index.php/formov/article/download/469/478/670>>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão Pública. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SAFATLE, Vladimir; JÚNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. SAFATLE, V; JÚNIOR, N. da S; DUNKER, C. (Org.). São Paulo: Autêntica, 2020.